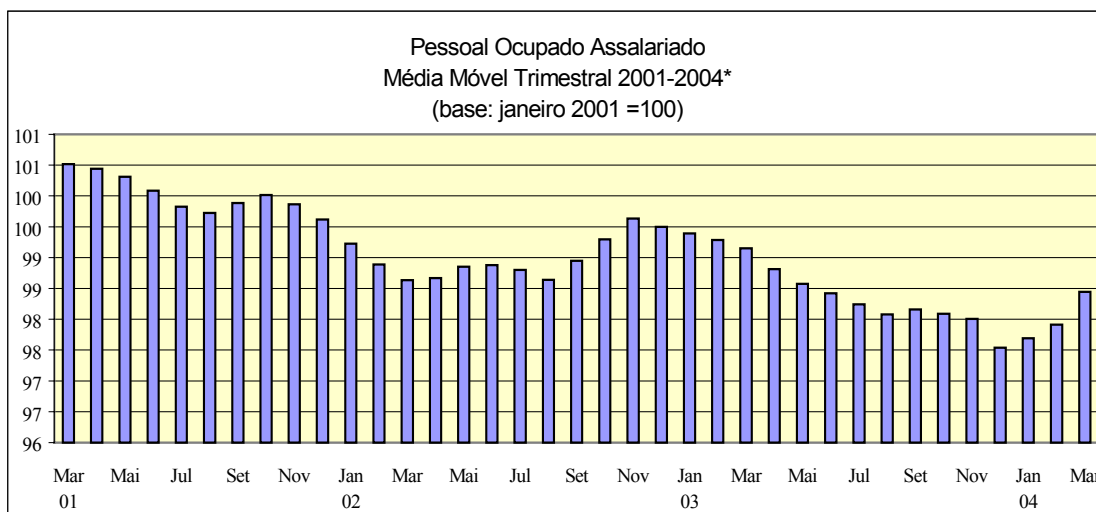


Comentários

PESSOAL OCUPADO ASSALARIADO

Entre março e fevereiro deste ano, o número de admissões no setor industrial volta a superar o de demissões na série livre de influências sazonais, com o nível de emprego mostrando acréscimo de 0,4%, seu terceiro resultado positivo consecutivo. Este movimento de expansão é confirmado pelo índice de média móvel trimestral, que aponta um aumento de 0,5% entre os trimestres encerrados em março e fevereiro de 2004.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Série com ajuste sazonal

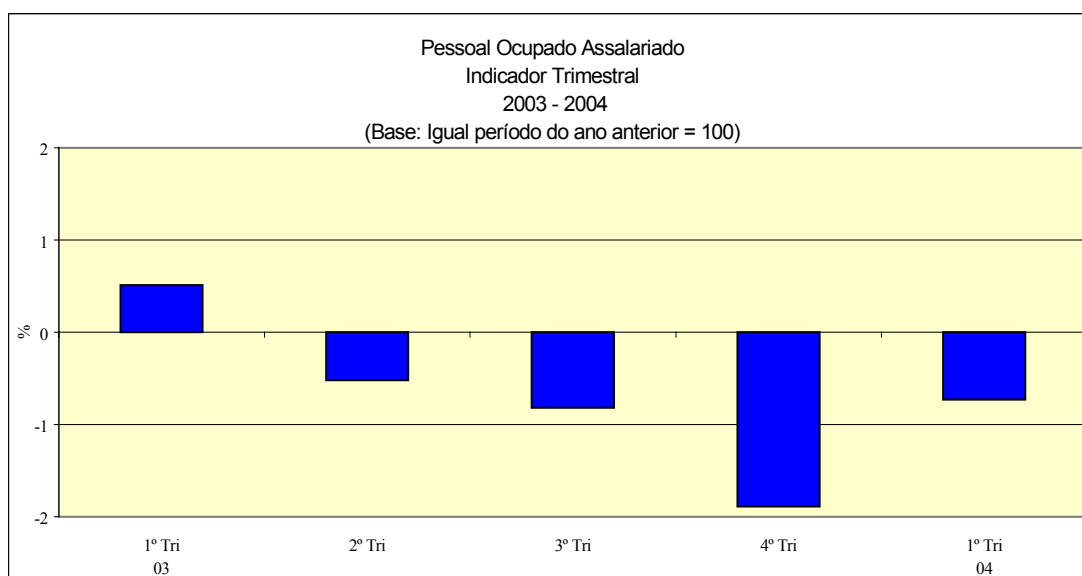
Nas demais comparações, o emprego industrial permanece com taxas negativas: -0,1% no índice mensal (confronto com março de 2003), -0,7% no acumulado no ano e -1,0% no dos últimos doze meses.

No confronto março 03/ março 04, oito dos quatorze locais pesquisados apresentam resultados negativos no emprego industrial. Na formação da taxa global de -0,1% as indústrias de São Paulo (-0,7%) e, conseqüentemente, as da região Sudeste (-0,5%) respondem, mais uma vez, pelas principais contribuições negativas, influenciadas, em grande parte, pelos decréscimos observados em vestuário (-23,6%, na primeira e -16,9% na segunda) e papel e gráfica (-14,2% e -10,9%, respectivamente). Também neste confronto, Rio de Janeiro (-3,9 %) e Rio de Grande do Sul (-1,4%) pressionam negativamente o

índice geral, em razão, principalmente, das reduções em vestuário (-19,1%) e calçados e couro (-8,1%), respectivamente. Em contraposição, entre os locais que ampliam o emprego, destacam-se Minas Gerais (3,2%), seguido por Nordeste (1,7%) e região Norte e Centro-Oeste (1,7%), todos impulsionados por alimentos e bebidas, setor que alcança taxas de 14,9%; 10,7% e 2,0% nos respectivos locais.

Ainda neste confronto, em nível setorial são observados, no total do país, decréscimos em oito dos dezoito setores analisados, ficando o recuo de maior pressão no cômputo geral com vestuário (-9,9%), vindo a seguir papel e gráfica (-7,3%), têxtil (-5,8%) e minerais não-metálicos (-5,1%). Por outro lado, entre os dez ramos que assinalaram aumento no emprego, sobressai a influência positiva das contratações efetuadas em máquinas e equipamentos (13,5%).

Na análise trimestral verifica-se desaceleração no ritmo de queda do nível de emprego na passagem do último trimestre do ano passado (-1,9%) para o primeiro deste ano (-0,7%). Este movimento atinge nove dos quatorze locais pesquisados, sendo mais relevante em Minas Gerais, onde a taxa passa de -0,3% para 3,2%, e em Pernambuco (de -1,9% para 1,4%). Nos índices setoriais, observa-se que doze ramos assinalaram expansões na passagem do período outubro-dezembro de 2003 para o primeiro trimestre de 2004, com destaque para máquinas e equipamentos (que passa de 3,4% para 10,5%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Especificamente no que se refere ao indicador acumulado no ano (-0,7%), o número de demissões foi maior que o de admissões em nove locais

pesquisados. Porém, vale ressaltar que este indicador mostra ligeira desaceleração no ritmo de queda, uma vez que ao final do primeiro bimestre mostrou recuo de 1,1%. São Paulo assinalou a principal contribuição negativa, com redução de 1,4% do contingente de trabalhadores, enquanto Minas Gerais, com expansão de 3,2%, desponta com o maior impacto positivo. No âmbito setorial, nove ramos reduziram o total de empregados, com destaque para a influência negativa vinda de vestuário (-11,6%). Em contraste, respondendo pelas pressões positivas mais significativas, destaca-se novamente máquinas e equipamentos, com ampliação de 10,5% nos postos de trabalho.

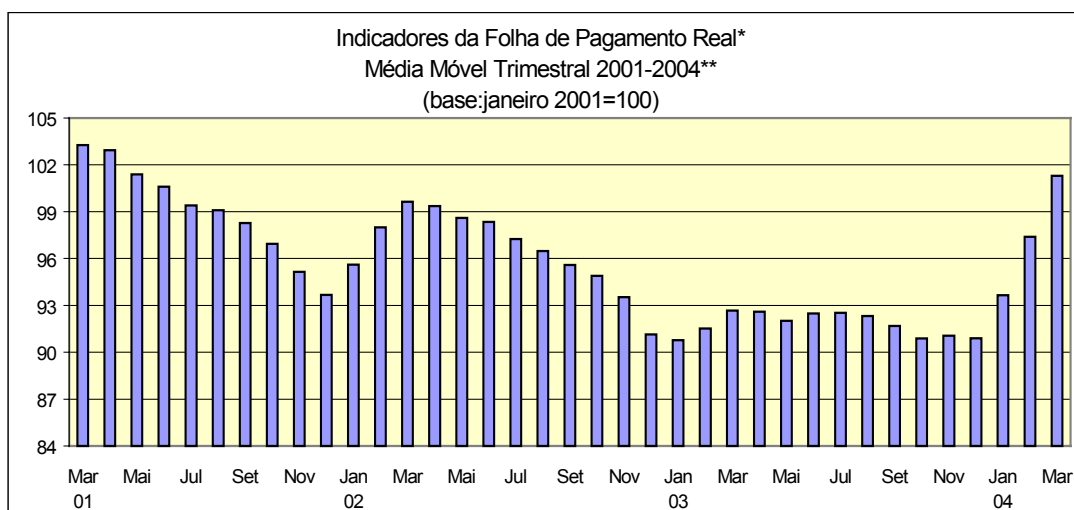
O indicador acumulado nos últimos doze meses (-1,0%) manteve estabilidade na sua trajetória, repetindo a mesma marca de fevereiro, com dez locais e nove setores pesquisados mostrando resultados negativos. A maior pressão negativa veio de vestuário (-7,5%), enquanto máquinas e equipamentos (6,5%) foi o destaque positivo. Regionalmente, São Paulo (-1,8%) determinou a principal influência negativa, sendo seguido pelos recuos no Rio de Janeiro (-4,3%) e Rio Grande do Sul (-2,3%). Por outro lado, os locais com índices positivos foram: região Norte e Centro-Oeste (2,7%), Paraná (2,0%), Santa Catarina (0,3%) e Minas Gerais (0,1%).

Em síntese, com a terceira taxa positiva consecutiva no confronto mês contra mês anterior, período em que acumulou um aumento de 1,7%, verifica-se que o emprego mostra uma tendência de ampliação, numa trajetória que não se verificava desde novembro de 2002. Mesmo nas comparações com 2003, que mantêm taxas negativas, observa-se uma progressiva redução do ritmo de queda.

FOLHA DE PAGAMENTO

Em março, o indicador da folha de pagamento real da indústria geral prosseguiu apontando taxas positivas, tanto na comparação mensal (11,6%) quanto na acumulada no ano (9,1%). Ainda assim, no índice dos últimos doze meses, a taxa foi negativa (-0,5%), embora o ritmo de queda venha diminuindo nos últimos meses. Descontando os efeitos sazonais, a folha de pagamento real em março último, na comparação com fevereiro, registra queda de 1,2%, resultado que deve ser relativizado, uma vez que contrasta com a boa performance obtida em janeiro (9,3%) e fevereiro (4,6%) deste ano. As taxas haviam sido positivas e, em parte, explicadas por pagamento de férias e benefícios extras. O indicador de média móvel trimestral, que melhor descreve

a linha de tendência, aponta em março sua primeira taxa positiva (1,3%), dando seqüência ao movimento de recuperação do ritmo de queda iniciado em dezembro de 2003. Quanto à folha de pagamento real por trabalhador (folha média), o índice foi positivo nas várias comparações: taxa mensal de 11,6%, acumulado no ano de 9,9% e a dos últimos doze meses ficou em 0,5%.



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação da Indústria

* Deflacionado pelo IPCA-IBGE

** Série ajustada sazonalmente

Na comparação março 04/março 03, o total dos pagamentos efetuados aos trabalhadores das empresas industriais, cresceu 11,6%, sendo esta, a maior taxa mensal assinalada desde janeiro de 2002. O movimento expansionista foi generalizado, alcançando quase todos os locais pesquisados. A exceção ficou por conta do Espírito Santo, que recuou 0,9%. O maior impacto positivo na composição da taxa de crescimento foi observado na região Sudeste (12,2%), com destaque para São Paulo (13,4%) e Minas Gerais (14,0%), ambos exibindo as maiores taxas positivas neste tipo de comparação. Nestes dois locais, os ramos mais expressivos foram máquinas e equipamentos (49,4%), e metalúrgica básica (27,8%), respectivamente. Logo em seguida veio a região Sul (9,9%), apoiada na expansão de seus dois maiores estados industriais, Rio Grande do Sul (9,5%) e Paraná (10,7%).

No corte por segmentos, dos dezoito pesquisados, dezesseis apontaram crescimento no valor da folha de pagamento. Entretanto, máquinas e equipamentos (30,5%), foi o grupo industrial que produziu o maior efeito positivo, seguido por alimentos e bebidas (13,3%); meios de transporte (11,2%) e produtos químicos (11,5%). Os dois únicos ramos que exibiram

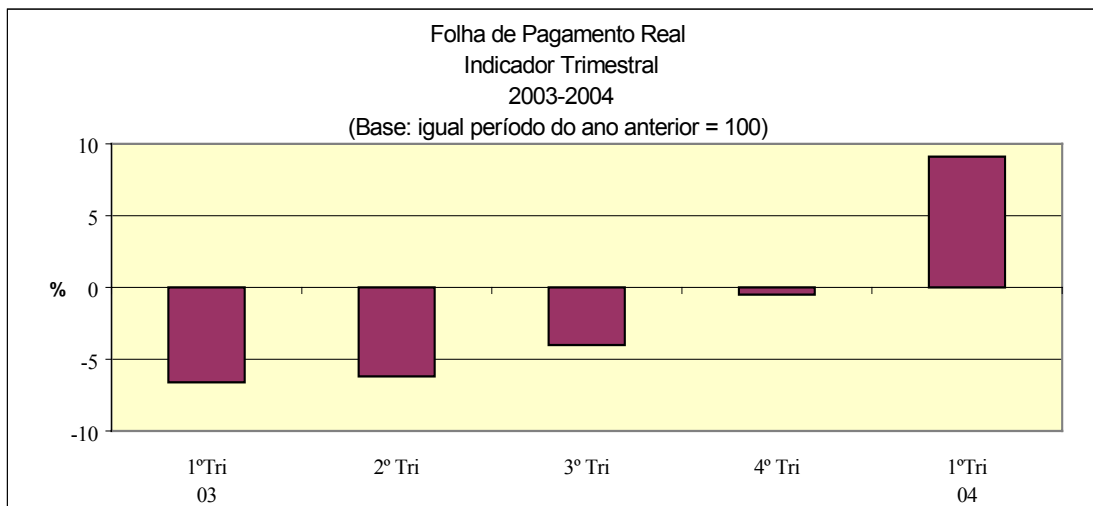
redução no tamanho da folha de pagamento foram têxtil (-6,5%) e produtos de metal (-0,7%).

Pelo índice acumulado, o desempenho da folha de pagamento real também foi positivo, descrevendo acentuado crescimento no trimestre (9,1%). O desempenho da folha por estados, revelou um quadro amplamente positivo na maioria dos locais pesquisados. A exceção ficou por conta do Espírito Santo, que apresentou performance negativa (-0,1%). A região Sudeste (9,2%), foi uma das grandes responsáveis pelo aumento global da folha de pagamento real neste trimestre, com São Paulo (10,0%), se responsabilizando pelo maior impacto positivo no conjunto da indústria seguido de perto por Minas Gerais (11,1%). A região Sul mostra ampliação na folha real (8,6%), com Paraná (10,3%) e Santa Catarina (10,4%), destacando-se como os estados mais influentes.

O bom resultado no período janeiro-março foi consequência da expansão em dezesseis atividades industriais. Os melhores desempenhos foram observados em máquinas e equipamentos (28,7%), metalúrgica básica (15,9%) e produtos químicos (11,8%), setores que mais contribuíram no cômputo geral.

O valor da folha de pagamento real, medido pelo índice dos últimos doze meses, no entanto, ainda é negativo (-0,5%), porém, denota visível recuperação no ritmo de queda frente os últimos meses. O quadro negativo, contudo, ainda é reflexo do mau desempenho dos estados de São Paulo (-0,8%) e Rio de Janeiro (-5,4%). Já na análise por atividades industriais, doze delas assinalaram desempenho negativo, porém, papel e gráfica (-8,7%); têxtil (-9,5%), minerais não-metálicos (-7,8%) e máquinas e aparelhos elétricos (-5,7%) foram as que exerceram as maiores pressões.

Sob a ótica trimestral, observa-se que a folha de pagamento real em 2004, apresentou no primeiro trimestre do ano 9,1% de crescimento em relação ao mesmo período de 2003, resultado que reverte o movimento observado no do fechamento do ano passado (-4,3%). Esta taxa incorpora os efeitos da redução considerável nos índices de inflação, e também fatores pontuais como a transferência de pagamentos devidos aos empregados no ano passado para o início deste ano; e a distribuição de lucros.

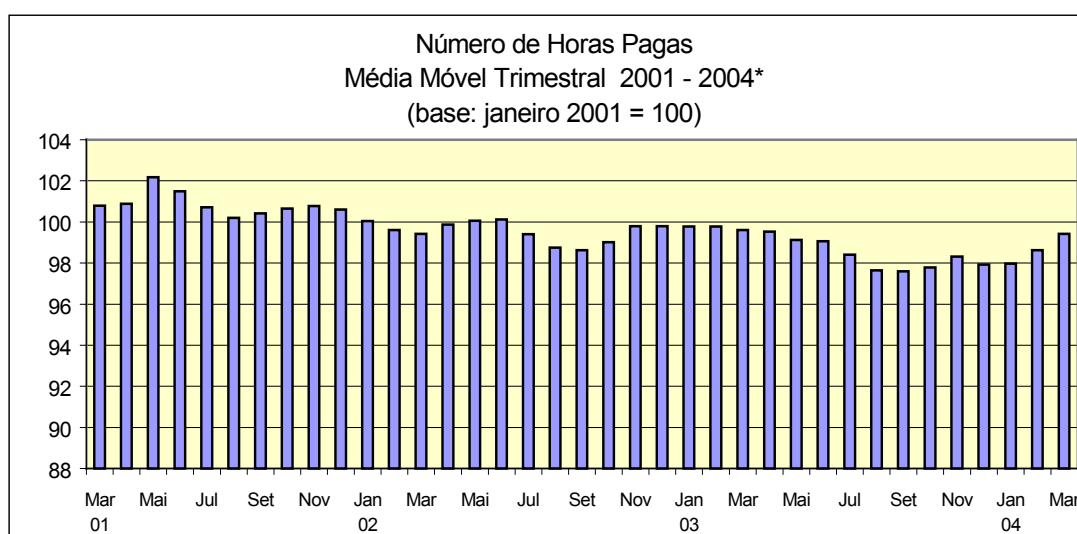


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

NÚMERO DE HORAS PAGAS

O total de horas pagas aos trabalhadores da indústria, em março, recuou 0,5% em relação ao mês de fevereiro, já descontadas as influências sazonais, após ter registrado crescimento de 2,2% entre janeiro e fevereiro. No entanto, na comparação com igual mês do ano anterior houve crescimento (1,0%). Os indicadores para períodos mais abrangentes apontam queda: no acumulado do ano (-0,2%) e nos últimos doze meses (-1,0%). A jornada média de trabalho no mês de março mostra acréscimo de 1,0% no indicador mensal, 0,5% no acumulado do ano e estabilidade nos últimos doze meses.

O indicador de média móvel trimestral, entre fevereiro e março assinala crescimento de 0,8% na jornada de trabalho, mantendo a trajetória ascendente observada a partir de janeiro deste ano.

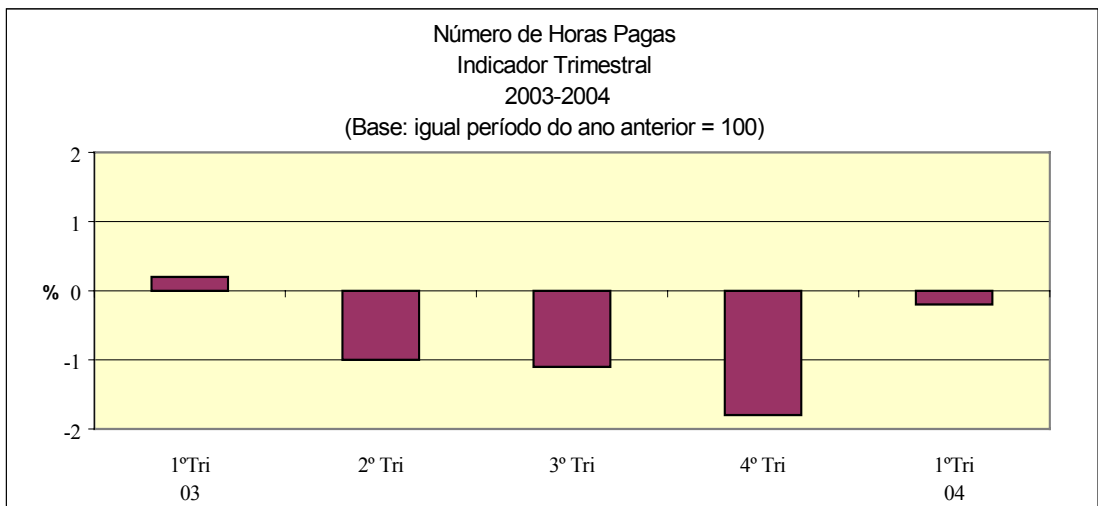


Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

*série com ajuste sazonal

Na comparação março 04/março 03, o indicador do número de horas pagas do setor industrial teve aumento de 1,0%, refletindo o comportamento positivo de dez dos quatorze locais e de onze dos dezoito setores pesquisados. Os setores que mais contribuíram para este desempenho positivo foram: máquinas e equipamentos (14,5%), alimentos e bebidas (2,4%) e fabricação de meios de transporte (6,4%), enquanto que as maiores quedas vieram de vestuário (-10,3%), papel e gráfica (-5,7%) e têxtil (-5,7%). Na análise por região, os maiores impactos positivos ocorreram no Nordeste (4,1%), Minas Gerais (4,1%) e São Paulo (0,5%) e as principais pressões negativas foram registradas no Rio de Janeiro (-4,4%), Espírito Santo (-5,9%) e na Bahia (-0,9%). Na região Nordeste, alimentos e bebidas (16,0%), calçados e couro (12,2%) e papel e gráfica (15,0%) foram os destaques positivos. Na indústria mineira, os maiores crescimentos concentraram-se em alimentos e bebidas (16,0%), borracha e plástico (50,4%) e indústria extrativa (12,0%). Na indústria paulista os principais impactos positivos vieram de máquinas e equipamentos (23,8%), borracha e plástico (8,4%) e produtos de metal (6,0%).

No acumulado do ano até março, o número total de horas pagas registrou queda de 0,2% em relação a igual período do ano passado, apesar de onze dos dezoito setores industriais apontarem aumento da jornada de trabalho. Do lado negativo vale citar: vestuário (-11,1%), têxtil (-6,5%) e papel e gráfica (-4,9%) e, em sentido oposto, as principais contribuições foram: máquinas e equipamentos (11,4%), metalurgia básica (7,9%) e fabricação de meios de transporte (3,8%). Em termos geográficos, as maiores influências negativas ocorreram no Rio de Janeiro (-4,6%), em São Paulo (-0,6%) e Rio Grande do Sul (-1,9%). Em sentido contrário, Minas Gerais (3,6%) foi o local que apresentou maior impacto positivo, seguido do Nordeste (1,1%) e Pernambuco (4,2%).



Fonte: IBGE/DPE/Coordenação de Indústria

Finalizando, o indicador acumulado para os últimos doze meses, aponta queda de 1,0%, com metade dos dezoito setores mostrando redução no total de horas pagas. As maiores perdas concentram-se em vestuário (-7,6%), outros produtos da indústria de transformação (-9,1%) e têxtil (-6,5%). Regionalmente, os maiores impactos negativos ocorreram em São Paulo (-1,6%), Rio de Janeiro (-5,0) e Rio Grande do Sul (-2,4%).